

O CFEMEA – Centro Feminista de Estudo e Assessoria é uma organização não-governamental, feminista e anti-racista, sem fins lucrativos. Foi fundado em 1989, na cidade de Brasília/DF, por mulheres que participaram da Assembléia Constituinte, que culminou com a aprovação da Constituição Federal de 1988 – um marco para a conquista de direitos para as brasileiras.

Nosso trabalho se pauta por uma concepção de democracia concretizada no respeito à diversidade e superação de desigualdades históricas, de uma cidadania ativa que exige e produz mecanismos de diálogo com os poderes públicos - especialmente o Legislativo e Executivo - com os movimentos de mulheres e feministas, na luta contínua de defesa e afirmação de direitos para as brasileiras.

A opção pela defesa da igualdade de direitos na legislação e nas políticas públicas – nos mais variados temas como enfrentamento à violência, direito ao trabalho e à proteção social, direito à saúde sexual e reprodutiva, acesso a políticas de educação, etc. - assim como a contribuição para fortalecer os movimentos de mulheres, promovendo e construindo as pautas feministas e a presença feminina nos espaços de representação política, são objetivos centrais da organização.

Entendemos que esse tema deve ser discutido por toda a sociedade sob a luz da conquista da autonomia e emancipação das mulheres, pondo FIM à CRIMINALIZAÇÃO dessa prática.

Assim como Maria do Céu, Jeovelina, Ana, Vitória, Tonha ou Joana todas devemos ter o direito de decidir sobre nossas trajetórias, projetos de vida para que possamos escolher o desenrolar de nossas próprias histórias.

Realização



Apoio

safe abortion
action fund

CFEMEA apresenta

História da Maria do Céu na terra



www.cfemea.org.br

Edição: Schuma Schumacher, Kauara Rodrigues e Eunice Borges

Colaboração: Natalia Mori, Guacira César Oliveira, Juliano Alessander, Eneida Vinhaes Dultra

Conto: Eunice Borges

Ilustrações: Yana Tamayo

Projeto gráfico e editoração: Anticorp Design - www.anticorpdesign.com

Impressão: Athalaia Gráfica e Editora

Tiragem: 10.000 exemplares

Agradecemos a Angela Freitas (Instituto Patrícia Galvão), Beatriz Galli, Dulce Xavier, Eneida Vinhaes Dultra, Jornadas pelo Direito ao Aborto Legal e Seguro, Paula Viana e Schuma Schumacher (Rede de Desenvolvimento Humano – REDEH)

Realização



CFEMEA - Centro Feminista de Estudos e Assessoria
SCS – Quadra 02, Bloco C, sala 602, Ed. Goiás – Brasília, DF
CEP: 70317-900
Telefone: (61) 3224-1791
www.cfemea.org.br



REDEH - Rede de Desenvolvimento Humano
Rua Álvaro Alvim, 21/16º andar – Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Centro - CEP 20031-010
Telefone: (5521) 2262-1704 | Fax: (5521) 2262-6454
www.redeh.org.br

Apoio

**safe abortion
action fund**

2009, by CFEMEA – Centro Feminista de Estudo e Assessoria

O conteúdo desta publicação pode ser reproduzido e difundido desde que citada a fonte.

História da Maria do Céu na terra

Casa Maria do Céu

Maria do Céu acorda atordoada. Alcança o celular e olha as horas: 3h30 da manhã! Quem será a esta hora? Ouve fortes batidas na porta e a voz de Jeovelina. “Maria do Céu, abre a porta, pelo amor de Deus.”

Levanta-se da cama e lança um olhar ao Marido. Ouve o resmungar:

“Vai lá logo abrir, mulher! Essas tuas amizades dão nestas coisas. Acordar no meio da noite um homem que tem de trabalhar de manhã. Enquanto vocês vão lá para as casas das suas patroas ricas brincar de mães de filhos dos outros, eu tenho de dar duro para sustentar os teus.”

Enquanto Marido resmunga, Maria do Céu abre a porta e dá de cara com Jeovelina de olhos arregalados.

“Ana está passando mal. Desde que amanheceu está com cólicas. Fiz umas compressas de água quente e ela não melhora. Liguei para a Joana que não trabalha hoje, mas me indicou um médico amigo dela que está de plantão. Desculpa vir bater à tua porta a esta hora, mas não tinha mais quem chamar.”

“Entra, entra, bebe uma água. Vou vestir-me rapidinho e vamos levá-la ao hospital.” Já a caminho do quarto, Maria do Céu pára. Volta-se para Jeovelina e pergunta

“Será que ela está grávida?”

“Grávida? Credo!! Não, ela ainda é virgem, o Namorado é tão bonzinho e eles decidiram que não iam transar até ao casamento. Eles já estão juntos há dois anos. Conheço a mãe do rapaz, são boa gente, freqüentam a igreja.”

Maria do Céu continua parada e silenciosa por um momento a olhar fixamente para Jeovelina.

“Bom, vou me vestir, conversamos a caminho do hospital.”

Hospital

Ana olha para o relógio, 8h. Estavam ali desde às 4h. Ainda sente dores. (“Minha mãe vai saber que transo com Namorado. Não tem como eu escapar. Será que me vão excomungar da igreja? Será que tenho o Diabo no corpo? Mas eu esforço-me tanto para ser boa. Devíamos ter agüentado até o casamento... mas não quero casar tão cedo, ainda tem tanta coisa que eu quero fazer... terminar os estudos, encontrar um trabalho que eu goste...”)

Maria do Céu e Jeovelina conversam baixinho com um ar preocupado. Já não conversam sobre Ana. Jeovelina já não sabe se esta preocupada ou só furiosa com a filha porque obviamente mentiu quando disse que não transava com Namorado.

“E Marido? Disse alguma coisa de o acordarmos a esta hora da noite? Como estão as coisas entre vocês?” – pergunta Jeovelina.

“Coisa de mulher, ele não se mete.” – responde Maria do Céu. Chega mais perto da Jeovelina e diz ainda mais baixinho – “E, entre nós continua tudo na mesma, eu não tenho coragem de me separar. O que Deus uniu nenhum homem pode separar. E quem sou eu? Nem sou homem.” – suspira Maria do Céu. “Eu gosto dele, é boa pessoa, bom pai para os nossos filhos.” – diz Maria do Céu envergonhada. “Quando ele quer tenho de estar sempre pronta e disposta. Cumprir as minhas obrigações matrimoniais... se não, fica de cara fechada. Mas, todos dizem que é assim mesmo, que ele é um bom homem e que seria loucura minha deixá-lo. Papel de mulher é obedecer ao marido e fazer com que ele seja feliz. Mas, e eu? Não posso ser feliz também?”

“Acho que sim, que todos deveriam ter o direito de ser felizes. Parece que este mundo em que vivemos é um mundo dos homens quando na verdade as mulheres agüentam o tranco.” – Jeovelina responde pensativa, ela que está sozinha já há 15 anos.

“Mas ele chega a forçar você...?” – pergunta Jeovelina baixinho.



“Às vezes. Mas eu deixo.” – responde Maria do Céu envergonhada.

As duas trocam um olhar-cúmplice. Um silêncio pesado cai sobre elas como se escurecesse tudo.

Ana ouve finalmente seu nome. Jeovelina levanta-se imediatamente e pega a filha pelo braço. Ana não sabe o que é pior: a dor ou a angústia de ter que enfrentar essa situação com sua mãe.

“Feche a porta, por favor. Sente-se. Então o que se passa?” – Médico cansado, automaticamente dispara as três frases e só depois levanta o olhar e encara as duas mulheres. Observa a mãe ansiosa e a filha aterrorizada. “Você é Jeovelina e esta é sua filha Ana. Acertei? A Joana ligou dizendo que vocês viriam.”

“Obrigado por atender a gente, Doutor.” – responde Jeovelina.

“De nada, só estou cumprindo minha obrigação. Mas quero ouvir a Ana agora. Afinal já não é uma menina, já não precisa que a mãe fale por ela.” Médico olha para Ana “O que a gente disser aqui é segredo e fica entre nós, se preferir posso pedir à sua mãe que nos deixe conversar em particular.”

“Como assim em particular, eu quero saber o que se passa. Ela ainda é uma mocinha, Doutor.” – responde Jeovelina indignada. Ana começa a chorar.

“Namorado e eu transamos há uns meses. Apesar de tomarmos todos os cuidados, minha menstruação está atrasada tem já 15 dias. Não tive coragem de fazer um teste. Não sabia o que fazer e não tive coragem de contar para você, mãe.” Ana consegue finalmente responder entre soluços.

“Vamos ter calma, minhas senhoras. Primeiro vamos fazer uma ecografia para confirmar a gravidez e depois conversamos. É ainda muito cedo para entrar em pânico e, perder a cabeça nunca ajuda em nada. Ana pode nem estar grávida. E, se estiver, pode ser que não vingue. É ainda muito cedo e às vezes o corpo não está pronto para acolher uma gravidez...”

Depois da ecografia Médico confirma a gravidez ainda no início. Ana se desfaz em prantos enquanto o tempo parece ter parado para Jeovelina. Fica ausente e pensativa.

“Não entrem em pânico, como dizia há pouco, ainda é muito cedo e pode ser que a gravidez não vingue. Assim, a natureza às vezes por si só resolve. Eu acredito que a escolha de manter ou não a gravidez é pessoal, é uma decisão que só a mulher pode tomar. Se decidir manter a gravidez posso acompanhá-la como clínico geral e recomendar uma colega obstetra. De qualquer maneira, gostaria que conversasse com uma amiga minha que é psicóloga neste hospital. Situações como estas trazem uma grande tensão e muitas questões emocionais que não é bom guardar.” – Médico olha sério para a Ana e Jeovelina. Ana, ainda em lágrimas sussurra, “não quero, não quero!”. No que O Doutor responde. – “É bom vocês saberem que a interrupção da gravidez (ou aborto induzido) é, no Brasil, infelizmente, considerada crime, a não ser em caso de estupro ou de grave risco de vida para a mãe. Seu caso, Ana, não se enquadra em nenhuma dessas situações e, portanto, não há nada mais que eu possa fazer.” – volta-se para Jeovelina. – “Saiba que clínicas têm sido estouradas ultimamente e com isso, algumas mulheres tem sido presas e processadas. É um absurdo criminalizar as mulheres por praticarem aborto quando elas sempre abortaram e abortam em todo o mundo ao longo da história da humanidade.” – dirige-se para Ana – “Para além do silêncio que se forma em volta deste assunto, outro grave problema é que muitas mulheres morrem com seqüelas de abortos inseguros, introduzindo objetos, tomando doses excessivas de ervas e outras coisas mais. Ana, você é uma jovem inteligente, gosta de ler, disse-me Joana. Informe-se sobre isso antes de tomar qualquer decisão. Não faça coisas que possam colocar a sua vida em risco. Leia e informe-se. A Joana vai te indicar onde procurar informação. Se tiver qualquer complicação me procure sem hesitar.” – Médico se despede das mulheres com um sorriso reafirmando. – “Tenham calma, tudo vai se resolver.”

Jeovelina ainda tensa e Ana de olhos vermelhos saem do consultório e se juntam à Maria do Céu que as espera para voltarem para casa.



Casa Jeovelina dois dias depois

Chega tia Tonha. Encontra Jeovelina na cozinha, onde prepara um lanche.

“E Ana como está?” – pergunta tia Tonha.

“Parece estar bem. Acho que está triste. Anda calada, pensativa. Deve estar cansada, tem dormido bastante. Mas come bem.” – Responde Jeovelina enquanto arruma os brigadeiros num prato colorido. “Ai, Tia Tonha! Desconfio que Ana tomou alguma coisa para ‘fazer descer’ e está com medo de contar. Agora, nem tenho dúvidas que ela transou com Namorado. Que ingênua fui! Grávida aos 16 anos!! É ainda uma criança! Como é que não notei? Claro que, no fundo, no fundo, eu vi que alguma coisa mudou. Eu não quis ver. Não quis enfrentar. Estava com esperanças que o problema desaparecesse por si. Revirei tudo no seu quarto num dia em que ela foi até ao mercado. Não encontrei nada. Às vezes me dá vontade de dar dois tapas na cara dela, mas não posso. Tenho de conversar com ela, já está sofrendo tanto, tenho que cuidar dela... Ai, Tia Tonha! Estou vivendo o meu maior pesadelo! E como é que converso com ela?” – Jeovelina segura a colher com uma mão trêmula e a uma manga na outra. Olha para tia Tonha.

“Calma minha filha, ainda bem que chamaste a Joana. Ela sabe como lidar com a juventude e o que fazer com este assunto, ela trabalha com isso. A mãe dela era assim quando viva. Tinha bom coração.”

“Tenho de pensar em Ana agora. Para mim já é tarde. Só quero que a minha filha não sofra o que eu sofri. Achei que com Joana e um lanche caseiro, poderia convencê-la a contar a verdade.” A voz de Jeovelina se transforma numa fala decidida, como se estivesse pensando alto, como se estivesse tentando convencer a si mesma.

Ouvem bater à porta. É Maria do Céu acompanhada por Vitória. Vêm ver a Ana e trazem um bolo de chocolate.



Casa Jeovelina dois dias depois

Chega tia Tonha. Encontra Jeovelina na cozinha, onde prepara um lanche.

“E Ana como está?” – pergunta tia Tonha.

“Parece estar bem. Acho que está triste. Anda calada, pensativa. Deve estar cansada, tem dormido bastante. Mas come bem.” – Responde Jeovelina enquanto arruma os brigadeiros num prato colorido. “Ai, Tia Tonha! Desconfio que Ana tomou alguma coisa para ‘fazer descer’ e está com medo de contar. Agora, nem tenho dúvidas que ela transou com Namorado. Que ingênua fui! Grávida aos 16 anos!! É ainda uma criança! Como é que não notei? Claro que, no fundo, no fundo, eu vi que alguma coisa mudou. Eu não quis ver. Não quis enfrentar. Estava com esperanças que o problema desaparecesse por si. Revirei tudo no seu quarto num dia em que ela foi até ao mercado. Não encontrei nada. Às vezes me dá vontade de dar dois tapas na cara dela, mas não posso. Tenho de conversar com ela, já está sofrendo tanto, tenho que cuidar dela... Ai, Tia Tonha! Estou vivendo o meu maior pesadelo! E como é que converso com ela?” – Jeovelina segura a colher com uma mão trêmula e a uma manga na outra. Olha para tia Tonha.

“Calma minha filha, ainda bem que chamaste a Joana. Ela sabe como lidar com a juventude e o que fazer com este assunto, ela trabalha com isso. A mãe dela era assim quando viva. Tinha bom coração.”

“Tenho de pensar em Ana agora. Para mim já é tarde. Só quero que a minha filha não sofra o que eu sofri. Achei que com Joana e um lanche caseiro, poderia convencê-la a contar a verdade.” A voz de Jeovelina se transforma numa fala decidida, como se estivesse pensando alto, como se estivesse tentando convencer a si mesma.

Ouvem bater à porta. É Maria do Céu acompanhada por Vitória. Vêm ver a Ana e trazem um bolo de chocolate.

Quarto da Ana

Ana e Vitória são amigas há algum tempo. Apesar de ser mais velha ou talvez, por causa disso, Vitória se tornou a principal confidente de Ana. As duas amigas dão um longo abraço.

“Ai, amiga, só ontem é que Maria do Céu me contou o que se passa. Como você está? O que aconteceu? O que a tua mãe disse? E o Namorado?” – Vitória disparava perguntas que se foram se seguindo uma à outra enquanto as duas se sentavam na cama.

“Não sei como é que aconteceu, mas estou grávida. A gente sempre tomou tanto cuidado... Resolvi contar à minha mãe porque estava com dores e me assustei. Fomos ao hospital. O médico foi atencioso. Namorado está todo orgulhoso porque vai ter um filho e quer casar. Eu gosto muito dele e até podemos casar, mas agora? Brigamos feio sobre isso. O que é que eu vou fazer com uma criança aos 16 anos? Tenho a minha vida toda pela frente, mal comecei a viver. Eu quero ter filhos, mas não agora. Nem terminei o segundo grau e quero fazer faculdade. Tenho muito medo, tenho medo de tudo: do que vai acontecer, do que minha mãe vai pensar... independente do que eu decidir, gostaria tanto de ser apoiada na minha decisão.” Diz Ana soluçando de novo...

“Amiga, se mais ninguém o fizer, pelo menos eu vou apoiar você. É o seu corpo e é você quem decide o que é melhor para você.” – responde Vitória com um sorriso acolhedor. “Eu acompanho você, no que for preciso.”

Quintal da casa da Jeovelina

Jeovelina abre a porta para Joana que vem carregada de coisas. Traz uma pilha de livros e uma sacola cheia de frutas do seu quintal.

“Que cara é essa mulher?” diz Joana abraçando a amiga com um grande sorriso. “Fica calma, vamos conversar com ela. Não é o fim do mundo.”

“Não é, mas parece amiga. Talvez seja o fim do mundo da Ana. Uma criança nesta idade é o início de um longo e difícil caminho” – diz Jeovelina.

Atravessam a casa até o quintal. Encontram Tia Tonha conversando com Maria do Céu, sentadas de baixo da sombra de uma mangueira. Jeovelina chama Ana e Vitória que se juntam à roda de mulheres. Tia Tonha molha um biscoito no seu café fumegante enquanto observa as duas jovens.

“Há muitos anos, lá na roça, tinha uma prima que era pouco mais velha que eu. Andávamos juntas o tempo todo, assim como vocês. Descalças corriamos de um lado para o outro, os adultos até se esqueciam que a gente existia. Lembro-me, ela devia ter uns 12 anos e eu 10, quando começou. O corpo dela começou a mudar e apareceram os peitinhos. Viviam dizendo que ela já não era moleca para andar correndo despida no meio do mato. Mas a gente gostava tanto daquela liberdade, de sentir o chão debaixo de nossos pés, de conhecer cada árvore, cada animal... Só percebi que algo estava errado. Lembro-me de lhe darem um chá para fazer descer. Antigamente, era uma coisa natural, das mulheres. Todos ficaram tensos, mas ninguém gritou, só pairava um pesado silêncio. Ela voltou para casa da mãe e o tio foi fazer uma viagem, mas voltou alguns meses depois. A minha mãe não me deixava sozinha com ele nem um segundo. Demorei a entender o que aconteceu com minha prima e só muitos anos depois me dei conta que meu tio abusava dela. E pena que essas coisas ainda acontecem...” – conta Tonha com uma mistura de saudades, melancolia e repulsa.

As seis mulheres sentem-se cobertas de uma cumplicidade especial como sempre acontece em rodas como esta. Maria do Céu ouve de cabeça baixa. Jeovelina serve um copo de suco para a filha e diz:

“Eu fico preocupada. Minha filha, sabe que eu tinha exatamente a sua idade quando engravidei de você? Engravidei a primeira vez que transei. Deslumbrei-me com a Capital e com as falas doces de seu pai. E depois disso nunca mais o vi. Quando minha patroa descobriu que eu estava grávida man-

dou-me de volta para a roça. Resolvi voltar para a capital e trabalhar duro para que pudesse trazer você para junto de mim. Por isso deixei você com tia Tonha nos primeiros anos.” – Os olhos de Jeovelina se enchem de lágrimas. – “Eu não quero que você passe pelo mesmo, Ana. Não quero que você sofra como eu sofri. O meu sonho é que você viva a sua vida, que seja feliz.”

Ana silenciosa olha rapidamente para Vitória. Maria do Céu continua com o olhar perdido, compenetrada. Vitória também tem uma história para partilhar.

“Uma amiga da minha mãe contava, há meses como a filha fez, ano passado. A gente se conhece desde criança, mas já não somos muito próximas, não estudamos na mesma faculdade, temos amigos diferentes. Ela fez em casa mesmo. A mãe trouxe de fora um medicamento. Levou-a ao psicólogo antes para conversar. E depois ao ginecologista para ver se estava tudo bem. Foi tranquilo. O pai também apoiou o tempo todo. Acho que só os pais sabiam e talvez uma outra amiga. Tudo sempre fica em segredo.” – Conta Vitória.

“Acabo de voltar do hospital” – diz Joana com sua voz calma e grave “Esta semana tivemos mais um caso. Nestes anos vi muitos. Naquele hospital, mesmo as mulheres que passam por um aborto espontâneo sofrem preconceito. Se não fosse Médico e algumas outras pessoas como ele... eu já teria desistido. Outro dia li que, no mundo, morrem oito mulheres por hora com conseqüências de aborto inseguro. Oito mulheres por hora! O que me preocupa, meu anjo e o que também preocupa a sua mãe – dirige se para Ana – é se você, no desespero, tomou alguma coisa.”

Todos olham para Ana. Jeovelina pega na mão da filha e permanecem de mãos dadas. Vitória olha para amiga e acena a cabeça com um ar encorajador. Maria do Céu continua silenciosa.

“Eu ainda não tomei nada, mãe” – a voz da Ana sai baixinho. “Querida confirmar com o médico porque acordei esse dia em pânico com certeza de que estava grávida. Não sabia como conversar com você sobre isso. Eu não sei se quero manter esta gravidez. Sou muito nova. Sei que você vai dizer que se

achei que tinha idade para transar devia ter idade para cuidar de uma criança. Aprendi que tenho o direito de viver a minha sexualidade e que tenho o direito de escolher quando ter ou não filhos.”

“Bom, não entendo nada desses direitos e dessa sexualidade que vocês falam, mas sei que todos devem ter o direito de decidir o que querem fazer. A vida às vezes não nos dá escolha. Mas quando dá, como no teu caso, que é jovem, saudável, inteligente e estudiosa e ainda vive com tua mãe que te quer bem, deve pensar o que é melhor para ti. Mesmo porque como já disse, mulheres fazem isso desde que o mundo é mundo. Era uma coisa natural, agora é que complicaram tudo. Coisa desses homens e dos novos tempos...” – diz tia Tonha enquanto se levanta e pega no bolo de chocolate. – “Nada como um docinho para animar os nossos espíritos”

“E você Maria do Céu? Não diz nada?” – Jeovelina lança, como que um apelo, à amiga. Todas se viram para Maria do Céu que não disse uma palavra desde o início da conversa. Ela está olhando fixamente para um ponto no chão. Levanta o rosto. Vêm-se as lágrimas escorrendo pela cara a baixo. Gaguejando, começa a falar:

“Eu fiz um aborto quando tinha 16 anos. Precisamente com a idade de Ana. Fiquei completamente sozinha, com o meu segredo, no meu mundo de aflição. A pressão da família, o segredo, tabu, as complicações... Tenho olhado para ela e tenho me lembrado desse tempo do qual ficou só muita dor.” Maria do Céu conta emocionada a história, pela primeira vez na sua vida. Ela guardou aquele peso durante tanto tempo. Sentia-se envergonhada, mas também aliviada. Conta como foi para ela, católica, lidar com tamanha culpa.

Vitória levanta-se, dá a volta à mesa, e abraça Maria do Céu. Elas ainda não sabem, mas este segredo vai criar um elo que vai as unir ainda mais durante muitos anos. Jeovelina e Ana assistem de mãos dadas. Tia Tonha olha para as outras com um sorriso.

Vitória, ainda recuperando da emoção, pergunta pelos livros que Joana colocou na mesa logo no início da conversa.



Ah, ainda bem que você falou nisso. Eu trouxe aqui um livro que se chama *História de Maria do Céu na terra*. Tem vários exemplares para distribuir. Podem ficar com eles e ler depois com calma. Começa com uma história semelhante à tua, querida Ana, mas não conto mais para não arruinar o fim. “Na segunda parte tem um monte de informações sobre tudo isto que falamos hoje aqui.” – diz Joana enquanto folheia o livrinho. – “Tem, por exemplo, informação sobre as Normas Técnicas do Ministério da Saúde que permitem Ana saber quais são os teus direitos quando atendida num hospital do SUS. Também tem explicadinho toda essa coisa dos direitos e da sexualidade como diz tia Tonha.”

Ficam todas paradas olhando para Joana. Com essa história de que aborto é crime, parece que ninguém se atreve a pegar.

“Eu só não pego porque não sei ler” – brinca tia Tonha quebrando o silêncio. Ana pega duas e pisca o olho à mãe.

Vitória pega várias para distribuir na universidade e para os amigos. “Vou guardar duas, uma para mim e para meu noivo e outra para minha futura sogra. – Olha para Maria do Céu e sorri.

Anos depois...

Ana fez um aborto que correu bem e contou com a solidariedade da mãe. Atualmente está casada, tem 3 filhos e vive feliz. Terminou os estudos de psicologia e trabalha com mulheres que sofreram em consequência do aborto inseguro. Continua a ouvir muitos relatos semelhantes ao seu. Procura sempre acolher as mulheres da mesma forma que foi acolhida e dar-lhes apoio nas consequências da sua decisão, qualquer que seja seu projeto de vida.

Jeovelina é voluntária na sua igreja, cuida das flores, gosta de lírios, da limpeza e é assistente do pastor. As filhas já cresceram e ela vive sozinha. Ana

gostaria que a mãe vivesse com ela, mas Jeovelina é demasiado independente, foi dona de sua casa durante toda sua vida.

Tonha continua a morar com a filha e lidera um grupo de terceira idade sobre nutrição e alimentos saudáveis. Começou por partilhar a sua experiência da roça com outros e tornou-se famosa pelos seus doces de fruta que vende com sucesso.

Joana continua trabalhando como enfermeira. Faz parte do movimento sindical e se engaja na luta pela legalização do aborto.

Vitória é advogada e trabalha com casos de violência doméstica. Casou com Noivo e adotaram uma criança.

Maria do Céu separou-se do Marido depois de anos de casamento. Remodelou sua cozinha e ampliou o negócio com tia Tonha. Redescobriu os prazeres da vida e encontrou verdadeiro gosto por fazer doces. Tem suas amigas e ano a ano aparece um novo pretendente. Frequenta centros espíritas, cultos evangélicos, mas o que a emociona mais é a umbanda. É fiel à sua coleção de santas, uma de cada espécie e de cada cor. Mantém os seus hábitos e continua indo à missa todos os domingos de manhã cedo. Ainda é vizinha da Jeovelina e as duas passam tardes, sentadas conversando, por baixo da mesma mangueira, enquanto os netos correm pelo quintal.

Essa história é fictícia. Qualquer semelhança com outras que você já ouviu falar é só porque foi inspirada na vida de muitas mulheres que nem sabemos quem são, mas que devem existir de verdade.





Tudo bem conversarmos sobre aborto!

"Ninguém pode dizer o que é melhor para sua vida"

Tão importante quanto ouvir sua opinião - seja ela a favor ou contra a legalização do aborto - é também importante conhecer a opinião e as vivências das mulheres sobre esse assunto: negras, brancas, indígenas, mulheres que vivem no campo ou na cidade, jovens, idosas, lésbicas, heterossexuais, pobres, plurais e, sobretudo as que estão grávidas!

Assim como Ana na sua história,


Você tem o direito de ter acesso às informações,


Você tem o direito de refletir,


Você tem o direito de defender sua posição e,


Você tem principalmente o direito de ser RESPEITADA, ACOLHIDA e APOIADA em suas decisões!







Você sabia que ...

 Acontecem cerca de 1 milhão de abortos por ano, no Brasil? Só em 2005, foram realizados mais de 1,5 milhão de abortos induzidos (veja o significado desta palavra no final da publicação), de acordo com estimativas do Ministério da Saúde¹.




 Em sua maioria, as mulheres que recorrem ao aborto têm entre 20 a 29 anos, vivem em união estável, tem até oito anos de estudo, são trabalhadoras, católicas, têm pelo menos um/a filho/a, usam métodos contraceptivos e usaram misoprostol (cytotec).²

 No Brasil a interrupção de uma gravidez só é permitida por lei em duas situações: caso de gravidez decorrente de estupro ou para salvar a vida da mulher - quando a gestação coloca sua vida em grave risco por problemas de saúde. Atualmente está em discussão judicial, no Supremo Tribunal Federal, a possibilidade de antecipação terapêutica do parto para as gravidezes de fetos anencéfalos (veja o significado desta palavra no final da publicação)

 Em diferentes conferências mundiais realizadas pelas Nações Unidas, como as de Cairo (1994) e de Beijing (1995)³, o Brasil se comprometeu a rever as leis que punem as mulheres que decidem livremente interromper a gravidez. No mesmo sentido, as brasileiras que participaram da I e da II Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres, em 2004 e 2007, aprovaram proposta igual.

-  O aborto clandestino, no país, provoca 25% dos casos de esterilidade, 602 internações diárias por infecção e 9% dos óbitos maternos.⁴
-  Estima-se que 68.000 mulheres morrem, por ano, em todo o mundo, em decorrência de um aborto inseguro, ou seja oito mulheres por hora. Esses números levam à estimativa de uma razão de mortalidade de 367 mortes por 100.000 abortos inseguros. Quando a interrupção da gravidez é feita de forma segura, tal razão diminui, resultando em 1 morte por cada 100.000 abortos realizados.⁵
-  Muita gravidez indesejada acontece por violência sexual cometida por algum familiar dentro de casa ou mesmo por pessoas próximas e da comunidade.
-  Aproximadamente 65% dos fetos anencefálicos (veja o significado desta palavra no final da publicação) morrem ainda no período intra-uterino, e os poucos que alcançam o momento do parto, sobrevivem por alguns minutos, ou horas fora do útero.⁶
-  A maioria das mulheres que morrem em consequência do aborto inseguro são jovens, negras e pobres.
-  Nem sempre a Igreja Católica considerou o aborto como um crime e um pecado grave. Esta posição foi assumida após uma bula papal (documento do Vaticano) de 1869. Até então havia entendimentos diferenciados que permitiam o aborto para salvar a vida da mulher. E que havia ainda uma teoria de São Tomás

de Aquino, segunda a qual o aborto só era pecado grave após a infusão da alma no corpo do feto, isto é, 40 dias de gestação de feto masculino e 80 em fetos femininos.

-  No Congresso Nacional existe uma proposta que permite à mulher decidir se quer seguir com uma gravidez, bem como permitir que ela possa interrompê-la. Por outro lado, cerca de 40 propostas visam retroceder os direitos das mulheres. Algumas pretendem criminalizar até mesmo as mulheres vítimas de estupro, transformar o aborto em crime hediondo (da mesma forma que o crime de estupro), além de cadastrar todas as gravidezes como forma de controle.
-  As pessoas que defendem a criminalização do aborto, bem como o aumento da pena para quem o pratica, são as mesmas que tentam impedir a educação sexual nas escolas e a oferta dos métodos contraceptivos pelo Estado. São as mesmas que não respeitam a liberdade sexual das pessoas e acreditam que as mulheres não são capazes de decidir responsavelmente sobre o assunto, as enxergam como meras reprodutoras da humanidade.
-  Existem Normas Técnicas do Ministério da Saúde que garantem o exercício do direito de realizar o aborto nos casos permitidos (estupro e risco de vida) e que regulamentam seu exercício. Elas são: de "Atenção Humanizada ao Abortamento Inseguro" e "Prevenção e Tratamento dos Agravos Resultantes da Violência Sexual contra Mulheres e Adolescentes" (ver explicação no final desta publicação).



Existem articulações, redes e organizações de mulheres que discutem o direito à legalização do aborto no Brasil, como as Jornadas pelo Aborto Legal e Seguro, a Articulação de Mulheres Brasileiras e a Frente Nacional pelo Fim da Criminalização das Mulheres e pela Legalização do Aborto.



Muitas mulheres estão se mobilizando para alterar a lei e para que a prática do aborto deixe de ser um crime. Formaram Frentes em todos os estados do Brasil porque não aceitam que outras mulheres possam ser presas por terem decidido interromper uma gravidez. São as Frentes contra a criminalização das mulheres e pela legalização do aborto, uma forma de reagir à ação conservadora de grupos contrários aos direitos das mulheres. Também defendem o atendimento público respeitoso e de qualidade às mulheres em situação de abortamento.

Para saber mais e se aproximar dos debates, acesse os sites:

AMB - www.articulacaodemulheres.org.br | ANIS - www.anis.org.br | Católicas pelo Direito de Decidir - <http://catolicasonline.org.br> | CCR: Comissão de Cidadania e Reprodução - www.ccr.org.br | CFEMEA - www.cfemea.org.br | Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde - www.mulheres.org.br | Grupo Curumim - <http://grupocurumim.blogspot.com> | Frente Pelo Fim da Criminalização das Mulheres e pela Legalização do Aborto - <http://frentepelodireitoaoaborto.blogspot.com> | Instituto Patrícia Galvão - www.patriciagalvao.org.br | IPAS - www.ipas.org.br | Marcha Mundial de Mulheres - <http://www.sof.org.br/marcha/> | Rede Feminista de Saúde - www.redesaude.org.br | SOS Corpo - www.soscorpo.org.br/ | Universidade Livre Feminista - www.feminismo.org.br

Por que as mulheres abortam? ⁷

Quando uma mulher busca interromper a gravidez é por que não deseja ou não pode mantê-la. Particularmente em sociedades como a nossa, onde esta experiência é vivida na clandestinidade, solitariamente e de forma insegura, ela se torna delicada para todas as mulheres.

As mulheres abortam por que engravidaram numa relação em que não tiveram poder ou autonomia para dizer não. O caso extremo é o estupro, mas em razão do diferencial de poder entre homens e mulheres isto pode ocorrer mesmo quando não há coerção ou violência explícita.






Também se decide abortar porque os maridos ou companheiros não se dispõem a assumir responsabilidades emocionais e financeiras pela criança que vai nascer. Em casos extremos os parceiros desaparecem quando informados sobre a gravidez.






No Brasil, muitas mulheres não sabem como e quando a gravidez acontece ou não têm acesso adequado e suficiente a informações e serviços de anticoncepção. Portanto, engravidam por que não estavam usando um método anticoncepcional, ou o estavam utilizando de maneira incorreta. Há casos em que a mulher não queria engravidar e estava usando um método anticoncepcional, mas o método falhou.

As mulheres também decidem pelo aborto por falta de condições econômicas ou porque não podem arcar com mais uma responsabilidade, já que têm sobre os ombros uma sobrecarga de tarefas familiares. Muitas abortam porque precisam trabalhar e têm medo de perder o emprego. Ainda faltam no país políticas sólidas de apoio à maternidade: berçários, creches e boas escolas.

As mulheres ainda recorrem ao aborto porque a gravidez e o parto põem em risco sua saúde, algumas vezes de maneira extrema.

Por que muitas pessoas são a favor da legalização?

-  Porque mulheres morrem e sofrem sérias complicações de saúde causadas pelo aborto inseguro.
-  Porque a maternidade não pode ser vista como uma obrigação, um destino de todas as mulheres. Precisa ser entendida como uma opção.
-  Porque em todo o mundo as mulheres praticam aborto, independente de ser ou não crime. A diferença é que nos lugares onde o aborto é permitido (França, Portugal, Espanha, EUA, Cidade de México, etc.), menos mulheres recorrem a essa prática; como também menos mulheres morrem já que o procedimento é realizado de forma segura e adequada.
-  Porque a legalização não estimula ou promove a prática massiva do aborto. A médio e a longo prazo, a tendência é reduzir o número de abortos desde que simultaneamente o Estado ofereça métodos contraceptivos variados e práticas educativas através da rede pública de saúde.⁸
-  Porque dos 19 a 20 milhões de abortos praticados em todo o mundo, 97 % são realizados em países pobres ou em desenvolvimento onde a prática é criminalizada.⁹

-  Porque o aborto é um problema de saúde pública e de cidadania. Não pode ser, portanto, enfrentado como caso de polícia. Isso implica levar em conta várias frentes: as condições de vida da mulher, garantir o acesso ao planejamento familiar, ao exercício de uma sexualidade segura e responsável, à educação sexual, bem como a realização do aborto em condições seguras e dignas.
-  Porque a punição não educa nem elimina o problema. Pelo contrário, agrava, e acaba por beneficiar médicos e clínicas que, visando lucro, atendem às pacientes sem condições de higiene e segurança.
-  Porque o Brasil é um Estado laico, portanto não se deve admitir que convicções religiosas sejam transformadas em leis para TODAS as cidadãs e cidadãos, pois nossa sociedade é composta pela diversidade de credos e também por pessoas que não possuem qualquer crença religiosa e essa decisão é uma questão de foro íntimo.
-  Porque a sua legalização representará um ganho para a sociedade (na perspectiva da justiça social), para as mulheres (do ponto de vista de saúde pública, da legitimação dos direitos humanos e de sua cidadania) e para o país (na consolidação dos processos democráticos).¹⁰
-  Porque respeitamos a autonomia das mulheres e suas decisões sobre seus projetos de vida, sobre seu corpo, independente de convicções morais, religiosas e pessoais.



Porque são as mulheres pobres, que não têm dinheiro para pagar a realização clandestina de um aborto, quem têm arcado o preço da ilegalidade, que lhes custa seqüelas à saúde e até a própria vida. A legalização do aborto é uma questão também de justiça social.

Seja qual for a sua opinião a respeito do assunto, lembre-se que:

Diante dos diferentes pontos de vista é SEMPRE a autonomia, a saúde e a vida das mulheres que está em jogo. Essa é uma luta libertária e de enfrentamento à violência contra as mulheres!

Queremos liberdade de decidir para quem tem uma gravidez indesejada, mas decidi mantê-la, colocando em risco a sua própria vida ou porque crê que o aborto é pecado.

Tal como Maria do Céu, Jeovelina, Ana, Vitória, Tonha ou Joana, entendemos que todas as opções pessoais têm de ser respeitadas.

Um Estado provedor de direitos deve sustentar a decisão das mulheres, seja ela qual for: de ter ou não ter filhas/os.

Deve ainda oferecer os meios para garantir essa decisão. Isso significa:

Para todas/os: garantir entre outros, políticas de saúde (como programas de planejamento familiar, acesso a métodos anti-conceptivos), de educação (incluindo educação infantil, como acesso a creches e escolas em tempo integral), de emprego e trabalho decente; que garanta uma vida digna e o exercício pleno de cidadania.

Para aquelas que desejam manter uma gravidez: garantir acesso a políticas de acompanhamento da gravidez e exames de pré-natal; garantir que não sejam discriminadas no mercado de trabalho por estarem em idade reprodutiva; garantir políticas de qualidade de educação infantil.

Para aquelas que desejam interromper uma gravidez: garantir a realização de abortos de forma segura sem comprometer a saúde mental, sexual e reprodutiva das mulheres e oferecer meios e informações para um comportamento preventivo, de planejamento da reprodução, reduzindo as chances de uma mulher passar novamente por uma situação de abortamento.

Muitas mulheres são contrárias à prática do aborto, MAS por respeito às diferentes experiências de vidas das mulheres, bem como suas decisões, defendem a legalização. Elas entendem que suas convicções pessoais, inclusive a sua fé religiosa, não devem ser impostas a todas as mulheres brasileiras.

Essas mulheres conseguem compreender que a melhor decisão para si pode não ser a melhor decisão para outra mulher.

“Devemos considerar que será extremamente injusto, desumano e mesmo imoral, exigir das mulheres que elas se façam mães, simplesmente porque são dotadas da possibilidade biológica de gestar. A maternidade é plenamente humana quando resulta de uma escolha ética e não de uma imposição genética.”

(Maria José Rosado).

Conheça o significado de algumas palavras e expressões:

ABORTAMENTO: interrupção da gravidez, que pode ser voluntária ou involuntária.

ABORTO INDUZIDO: é a interrupção da gravidez pelo uso de drogas ou intervenção cirúrgica após a implantação e antes que o conceito (o produto da concepção) se tenha tornado independentemente viável. A viabilidade foi estabelecida pela OMS (Organização Mundial de Saúde) a partir de 22 semanas completas de gestação ou quando o feto passa a pesar 500gr. Abaixo desse limite o término da gravidez é definido como aborto e acima desse limite é considerado o parto de um bebê prematuro¹¹.

ABORTO INSEGURO: é o procedimento realizado por pessoas sem a habilidade necessárias e/ou em ambiente sem condições mínimas de higiene e segurança.

ANENCEFALIA: é uma má-formação congênita, em que não há cérebro ou crânio, total ou parcial, do feto, o que impossibilita a vida extra-uterina.

DESCRIMINALIZAÇÃO: deixar de ser considerado crime.

DIREITO DE DECIDIR: autonomia para decidir de acordo com suas condições físicas, psicológicas, econômicas e familiares.

DIREITOS HUMANOS DAS MULHERES: expressão usada para reforçar a idéia de que as mulheres são seres humanos e, portanto também tem os mesmos direitos. Segundo a Declaração dos Direitos Humanos das Nações Unidas - Artigo I: "Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos, dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade."¹²

DIREITOS REPRODUTIVOS: processos que envolvem a busca de informações para conhecer as alternativas e tomar decisões conscientes para evitar uma gravidez (pílula, camisinha, diafragma, tabelinha, laqueadura etc), para engravidar, depois parir e cuidar d@s filh@s, assim como para interromper uma gravidez indesejada ou que ponha em risco a nossa vida.

ESTADO LAICO: Desde a proclamação da República, nos sec. XIX, o Estado Brasileiro é laico. O princípio da laicidade garante o respeito à livre associação religiosa, mas não autoriza qualquer denominação religiosa a impor concepções morais sobre as leis e políticas públicas. Nos países democráticos em que o aborto é legal esse direito é estendido a todas as cidadãs, independente de sua adesão ou não a qualquer credo religioso. Uma legislação aberta faculta esse direito. Ao contrário, as legislações restritivas como a brasileira impedem que mulheres exerçam seu direito de escolha.¹³

FETO: fase do desenvolvimento intra-uterino, subsequente à do embrião, ou seja, após o segundo ou terceiro mês de fecundação. Um óvulo fecundado no útero que cresceu além de oito semanas.¹⁴

LEGALIZAÇÃO DO ABORTO: deixar de ser crime e o Estado garantir atendimento da interrupção da gravidez na rede pública do SUS, de maneira segura.

MACHISMO: Atitude ou comportamento de quem não admite a igualdade de direitos para os homens e as mulheres, sendo, pois, contrário aos princípios do feminismo.

PATRIARCADO: sistema de estrutura e práticas, no qual os homens dominam, oprimem e exploram as mulheres. Sistema contra o qual lutam as mulheres feministas.¹⁵

PENALIZAÇÃO: ato de penalizar ou atribuir pena; condenação; castigo; corretivo.

PLANEJAMENTO FAMILIAR: direito de todas as pessoas de decidir livremente sobre ter ou não ter filhos (as), quantos e com que intervalo.

SAÚDE: segundo a Constituição Brasileira, em seu art. 196: a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação. Já a Organização Mundial de Saúde, define saúde como o estado completo de bem estar físico, psíquico e social, e não meramente ausência de doença ou enfermidade.

NORMAS TÉCNICAS: a garantia do exercício do direito de realizar o aborto, conforme previsto em lei consta de Normas Técnicas do Ministério da Saúde.

Norma Técnica, "Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes" (2002) é um protocolo clínico de atendimento direcionado ao gestor de saúde que estabelece procedimentos para atender mulheres que sofreram violência sexual.

Norma Técnica, "Atenção Humanizada ao Abortamento Inseguro" - lançada em 2004, trata-se de um protocolo clínico que tem como eixo central o internamento de mulheres com seqüelas por aborto ilegal (ou tentativa), entendendo que elas se encaixam na circunstância de "risco de vida", o que pelo código penal significa que qualquer procedimento realizado estará dentro da lei. Com isto, busca se eliminar qualquer motivo para recusa do aten-

dimento por receio de cumplicidade com o crime. Esta norma não apenas garante o direito de médicos e médicas manterem sigilo sobre o procedimento, como os/as proíbe de informar à polícia, à autoridade judicial ou ao ministério público que a paciente teve um aborto provocado. Em complemento à Norma Técnica "Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes" garante também o direito da gestante vítima de estupro ao atendimento, sem necessidade do registro policial.¹⁶



Referências

- ¹ Diniz e Corrêa. Aborto e saúde pública no Brasil: 20 anos / Ministério da Saúde, UnB, UERJ e Organização Pan Americana de Saúde (OPAS).
- ² Idem.
- ³ A Conferência de Cairo (no Egito) foi sobre População e Desenvolvimento e aconteceu em 1994. A IV Conferência Internacional sobre a Mulher é realizada um ano após, em 1995, em Beijing (ou Pequim, na China). O Brasil assinou os dois Programas de Ação dessas conferências, o que significa dizer, que elas têm o mesmo valor de uma lei.
- ⁴ Diniz e Corrêa. Aborto e saúde pública no Brasil: 20 anos / Ministério da Saúde, UnB, UERJ e Organização Pan Americana de Saúde (OPAS).
- ⁵ Organização Mundial de Saúde, 2003 citada por Ricardo Cabral Santiago - Saúde da Mulher e Aborto em *Direito de decidir: Múltiplos olhares sobre o aborto*. 2008, Autêntica, Belo Horizonte.
- ⁶ Anencefalia: O debate no Supremo Tribunal Federal e as suas implicações para a prática e assistência em saúde, IPAS Brasil 2008.
- ⁷ Texto retirado de material das Jornadas pelo Direito ao Aborto Legal e Seguro, elaborado para jornalistas e que teve a coordenação editorial de Angela Freitas como Coordenadora de Comunicação, e editora dos textos institucionais das Jornadas.
- ⁸ Idem.
- ⁹ Organização Mundial de Saúde, 2003 citada por Ricardo Cabral Santiago - Saúde da Mulher e Aborto em *Direito de decidir: Múltiplos olhares sobre o aborto*. 2008, Autêntica, Belo Horizonte.
- ¹⁰ Trecho retirado de material coordenado por Angela Freitas, citado anteriormente.
- ¹¹ Segundo explicação dos médicos Aníbal Faundes e José Barzelatto no livro "O drama do aborto: em busca de um consenso". Editora Komedi, 2004 - Campinas.
- ¹² Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada e proclamada pela Resolução 217 A (III) da Assembléia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948.
- ¹³ Trecho retirado de material coordenado por Angela Freitas, citado anteriormente.
- ¹⁴ Glossário IPPF em <http://www.ippf.org/en/Resources/Glossary.htm?g=F>.
- ¹⁵ Segundo Terry Lovell, citada por Silvia Camurça em: *Reflexões Feministas para a transformação Social*. Recife, SOS Corpo: 2007.
- ¹⁶ Trecho retirado de material coordenado por Angela Freitas, citado anteriormente.